

procura através da sua obra uma forma em que sustentar a própria vida, entre o drama existencial no contexto das relações humanas (marcado pelo fracasso e pelo isolamento) e a gestão da missão estética a que a sua consciência de “gênio” o obriga.

Um livro, em suma, ambicioso e com um propósito complexo, útil em muitas das suas afirmações e, sobretudo, em muitas das pistas que lança sobre o estudo pessoano mas, ao mesmo tempo, em que se nota por vezes a falta de um espírito mais “crítico” em relação às afirmações do poeta e às suas próprias contradições, ao tomar como elementos de trabalho psicológico algumas afirmações, sem as passar pelo fino filtro da ficção literária, mesclando em certos momentos aspectos derivados da história interna e externa do escritor sob um mesmo critério. Em *Mais Além do Drama Poético de Fernando Pessoa*, Thaís Campos Monteiro põe sobre a mesa interessantes materiais para reflexão, caminhos úteis para conhecer melhor o Pessoa-homem, atravessado pelo Pessoa-poeta. Talvez estes materiais e caminhos, porém, não nos ajudem grandemente a conhecer a sua poesia, contudo este não é um desmérito da autora, mas parte essencial da sua matéria poética. Precisamente por essa razão, porque a sua obra literária ainda continua a ser uma interrogação, uma pergunta a que cada homem responde a partir do seu próprio tempo histórico com uma resposta também própria, a poesia de Fernando Pessoa

é, para além de um drama (da alma) intelectual, um dos grandes momentos da poesia universal, como se questiona a autora deste livro no início da sua obra. Pessoa é um clássico porque as suas perguntas continuam vivas, sem resposta. Porque habitou, sem o saber, a ambiguidade do espaço que marca o espírito dos versos de Unamuno, preocupado em pensar o sentimento e sentir o pensamento.

Antonio Sáez Delgado

LITERATURA E CIÊNCIA NA FICÇÃO DO SÉCULO XIX

MARIA HELENA SANTANA

Lisboa, IN-CM, 2007

Literatura e Ciência na Ficção do Século XIX. A narrativa naturalista e pós-naturalista portuguesa, da autoria de Maria Helena Santana, foi inicialmente uma tese de doutoramento, género da literatura académica que nem sempre é famoso pela sua leveza. O texto de Maria Helena Santana reúne, porém, o rigor científico que uma tese de doutoramento deve ter por definição à uma escrita ensaística, fluente e rica, que o torna ameno para qualquer leitor interessado num tema fulcral do sistema ideológico e cultural da segunda metade do século XIX: a emergência do discurso científico e o seu eco na literatura naturalista e pós-naturalista.

O ensaio de Maria Helena Santana começa, embora não seja obviamente o

ponto central do ensaio, com uma análise da polémica do darwinismo, verdadeiro despoletar de uma nova ciência, cujo eco e controvérsia ainda não se apagou no nosso tempo. Do darwinismo surgiu uma nova ideia do corpo e da alma — e da inevitável relação entre um e outra — que fixará uma das linhas essenciais do pensamento positivista, e que Picasso em 1897, no início da sua carreira, plasmou num quadro emblemático intitulado «Ciência e caridade». Na obra deste juvenil Picasso de 16 anos, uma freira e um médico acompanham a agonia de uma moribunda muito humilde. A dicotomia ciência / caridade, ou seja ciência / religião, será um tema fecundo no pensamento do século XIX e ecoará também no universo moral da literatura da época

Tendo como ponto de partida esses elementos essenciais do pensamento científico da época, Maria Helena Santana faz um levantamento e uma análise muito completa da recepção desses temas pelos naturalistas portugueses nos seus textos programáticos e na sua obra ficcional. Isto permite-nos reencontrar nomes que foram apagados pelo vulto de Eça de Queirós, como Lourenço Pinto, Teixeira de Queirós, Abel Botelho ou João Grave, todos eles a precisar de uma releitura já do século XXI.

Parece-me especialmente relevante o capítulo IV, em que Maria Helena Santana analisa os grandes pontos da divulgação científica que os naturalistas tentaram levar ao âmbito da litera-

tura. Temas como «a fórmula mágica» do *Struggle for Life*, fruto da leitura spenceriana de Darwin, o fascínio pela «monstruosidade», pelos erros de uma natureza que, ao não ser já divina, podia ser falível, ou as polémicas sobre a hereditariedade e o pânico de tantas décadas pelas consequências das doenças sifilíticas, tão presentes na obra de Abel Botelho e Manuel Laranjeira, por exemplo, e o reverso deste pânico, o vitalismo, essa Vida em maiúscula dos textos finisseculares.

São excelentes as páginas dedicadas ao estudo de três conceitos epocais muito importantes: a nevrose, a histeria e o génio. Neste capítulo a obra de Maria Helena Santana torna-se seminal para muitos estudos de género sobre a imagem do corpo feminino na literatura realista-naturalista. É nessa «figuração feminina da histeria», que só os tristes exemplos dos soldados da Grande Guerra virão alterar, que se encontra uma das manifestações mais claras da misoginia — em muitos casos de misoginia revolucionária — oitocentista.

O trabalho da autora completa-se com a análise do impacto do discurso europeu sobre a ciência na literatura dos escritores portugueses naturalistas e pós-naturalistas. Nos capítulos finais oferece-nos um estudo interessantíssimo sobre a «tragédia» da ciência, o seu fracasso no intuito de fornecer à humanidade a felicidade universal, o que levará, na crise espiritualista do fim de século, autores tão diferentes como Teixeira de Queirós ou o próprio Eça de Queirós a

considerar a ciência uma forma perversa de *hybris* quando não é acompanhada de um compromisso ético com os «humilhados e ofendidos» dostoevskianos. Mais uma vez ciência e caridade.

Ensaio incontornável, pois, o de Maria Helena Santana, que, para além de emprestar luz a aspectos muito interessantes do discurso científico dos naturalistas portugueses, tem a virtude de nos ajudar a pensar o presente através da análise do passado.

Elena Losada Soler

**A FIGURA FEMININA
EM FERNANDA BOTELHO
JOANA MARQUES DE ALMEIDA
Lisboa, Acontecimento, 2005**

O presente trabalho de Joana Almeida, composto a partir da dissertação de Mestrado da autora, em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, além de relembra a obra de Fernanda Botelho, por um lado, e de dar a conhecer a escritora a um público mais vasto, por outro, contribui para o enriquecimento dos instrumentos críticos da literatura feminina e da literatura feminista em Portugal.

Esta abordagem, ainda que breve, revela-se essencial neste trabalho já que tem como objecto de estudo uma escritora do pós-guerra, altura em que a luta da mulher pela emancipação se começou a fazer sentir em Portugal de forma mais sólida e consciente, nomea-

damente na esfera intelectual, em que Fernanda Botelho se insere.

Dentre as virtualidades deste estudo, destaque-se a estrutura e os títulos escolhidos, a reunião de diversos passos de recensões críticas contemporâneas das edições da obra de F. Botelho e o *corpus* de três romances seleccionado para a análise literária que efectuou.

No que diz respeito ao primeiro aspecto referido, a estrutura, é composta por uma introdução, cinco capítulos subdivididos por temas e uma conclusão. Na introdução, Joana Almeida começa por focar, de forma muito ampla, a luta da emancipação da mulher, dando-nos, de seguida, uma visão geral do teor do livro. O enfoque inicial na emancipação feminina foi, na minha opinião, bem escolhido, na medida em que a literatura foi um dos principais instrumentos de que a mulher se serviu para se fazer ouvir (projectar as suas ansiedades, sentimentos, emoções, reivindicações, etc.), como aliás a autora salienta: «[...] o sexo dito frágil foi encontrando, pouco a pouco, um espaço cada vez maior, nos mais variados campos. Um deles é, precisamente, a literatura, área em que a figura feminina, nas suas duas vertentes, a de autora e a de personagem, alcançou um protagonismo que desde sempre lhe estivera vedado. Nas letras portuguesas, esta viragem deu-se durante os anos quarenta e cinquenta do século XX» (Almeida, 2005: 9 s.). Segue-se o primeiro capítulo, dedicado à contextualização histórico-literária da escritora F. Botelho e respectiva obra, capítulo